

DVD RW

Gravado no vento

Anunciam-se para breve os gravadores-DVD. Mas se pensa que vai poder fazer cópias a pataco do DVD de «Gladiator» está muito enganado. É como ter um carro que dá 200 e não poder passar dos 120. O código é para cumprir

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

Em 27 de Janeiro, no DNA 217, na I Parte de uma reportagem de 32 páginas sobre a CES de Las Vegas, publiquei estas mesmas duas fotos e o seguinte texto: «Outro dos temas polémicos foi o DVD-gravável. Afinal, vamos poder gravar DVDs ou não? Claro, mas gravar o quê? Só material analógico. De um DVD para outro nem pensar: os sistemas de protecção anti-cópia não deixam. Da televisão digital? Talvez. Provavelmente a frequência de

dutor de DVD».

Saberá Paulo Querido algo que eu desconheço? Ter-se-á limitado a reproduzir a informação que lhe foi fornecida pela Philips? Será que afinal a função de «cópia de outros DVD» consta no press-release da Philips? Terei eu induzido os meus leitores em erro?

Nas minhas notas e em toda a documentação, incluindo os textos da publicidade ao modelo Philips DVD+RW1000 publicados na imprensa americana, não encontrei uma única referência a essa tão

mente esta técnica de encriptação que o vai impedir de copiar DVD sob formato digital. Além disso, o sistema Macrovision que já o impede de copiar os DVD para cassetes é igualmente eficaz na prevenção da cópia de DVD para DVD+RW mesmo sob formato analógico. Aliás, a Macrovision tem já pronta a versão Beta de um sistema idêntico que vai também impedir a cópia de CD a curto prazo. A partir do ano que vem os «piratinhas domésticos» (e piratas somos todos nós) vão ter algumas surpresas com os CD de certas editoras. O sistema designado por Sa-feaudio é aplicado durante a masterização e não há volta a dar-lhe.

O mesmo se aplica ao DVD-Audio (mais grave neste caso porque é audível) e ao SACD (inaudível). A brincadeira acabou.

Este tema foi amplamente discutido na última Conferência da CEA. Onde acaba o usufruto pleno de um bem adquirido le-

O gravador-DVD de pouco vai servir, além de arquivar em disco óptico os seus filmes caseiros obtidos com câmaras digitais e gravar programas de televisão, cuja qualidade de imagem não justifica um formato com a resolução do DVD



Philips DVD+RW1000, um sonho tornado realidade ou uma quimera?

amostragem nem será a mesma. Primeiro o sinal terá de ser convertido para analógico pela «top-box». Para que serve, então? «Para arquivar os seus filmes caseiros obtidos com camcorders digitais», disse-me com um sorriso o representante da Philips que demonstrava o DVD+RW 1000, «o único gravador DVD compatível com 10 milhões de leitores-DVD».

Quase dois meses depois, na revista «Vidas», do semanário Expresso, num texto assinado por Paulo Querido, podia ler-se o seguinte: «Com a função de gravação, o DVD não demorará a conquistar adeptos: permite a cópia de outros DVD e a gravação de programas de televisão, sendo o modelo da Philips (DVD+RW1000) retrocompatível com os anteriores formatos. As suas gravações podem depois ser lidas em qualquer repro-

desejada possibilidade. De facto, depois de enaltecer a superior versatilidade do gravador-DVD em relação ao VCR e a compatibilidade com os outros leitores-DVD e DVD-ROM, no texto refere-se apenas a vantagem de poder gravar programas de TV e de montar filmes obtidos com camcorders digitais no PC e registá-los depois em DVD+RW. Acham que a Philips ia logo esquecer-se daquilo que o consumidor mais deseja: copiar DVDs?»

A referência à cópia digital directa não é feita por uma única razão: seria publicidade enganosa e a Philips é uma empresa séria.

De facto, o Parlamento Europeu aprovou legislação sobre a protecção de direitos de autor que não só criminaliza a cópia sem autorização como considera um crime tentar decodificar os sistemas de encriptação anti-pirataria. Ora é exacta-

mente e começa a pirataria? Quando compramos um CD temos ou não o direito de o utilizar de forma justa, isto é, fazer cópias para uso próprio sem objectivos comerciais? Mathew Zinn, um dos conferencistas, citado pela Stereophile, defendeu a ideia de que o conceito «Napster» constitui a expressão do direito dos consumidores à indignação ao saberem que lhes estão a cobrar três contos por um disco que custa cem paus e que, se a indústria fonográfica não partilhar pelo menos parte da imensa riqueza musical que possui fornecendo gratuitamente alguns conteúdos, outros «napsters» aparecerão inevitavelmente. Deixaram sair o génio de dentro da garrafa e agora vai ser difícil voltar a colocá-lo lá dentro.

Talvez por isso o Parlamento Europeu tenha deixado a porta aberta para os paí-

ses que assim o entendam cobrarem uma taxa sobre todo o hardware e software de gravação para compensar os autores pela perda dos seus direitos. Mas quais autores? Os que foram realmente lesados? E não somos todos inocentes até se provar que somos culpados? É justo pagar antecipadamente por um delito que ainda não cometemos?

Ora como gato escaldado de água fria tem medo, a indústria cinematográfica, americana sobretudo, quer ter a certeza que não se vai passar com o DVD o mesmo que se passou com o CD e, apesar de um jovem «hacker» norueguês ter colocado na Internet a fórmula secreta para copiar DVD utilizando o sistema Linux, a técnica não está ao alcance de todos. O que tem aparecido na Internet é algo de completamente diferente: projecta-se um fil-

me em DVD num ecrã de seda e filma-se a imagem com uma camcorder digital obtendo-se assim uma matriz que pode depois ser compactada. Mesmo assim, com a actual velocidade das linhas telefónicas vulgares, precisaria de uma semana para fazer o download e a qualidade da imagem deixa muito a desejar. Mas com as redes de alta velocidade e as «flat rates» o caso muda de figura.

O que parece um sonho tomado realidade – um gravador-DVD – de pouco vai servir além de arquivar em disco óptico os seus filmes caseiros obtidos com câmaras digitais e gravar programas de televisão cuja qualidade de imagem não justifica um formato com a resolução do DVD. Mesmo que fosse possível alugar o DVD de «O Gladiador» num clube de vídeo e copiá-lo, qual é o interesse de pagar entre sete e dez contos por um disco virgem quando o original é mais barato? E os RW ainda vão ser mais caros numa primeira fase...

Para transformar um sonho num pesadelo só faltava a concorrência de pelo menos três formatos diferentes, todos incompatíveis entre si: DVD-RAM, DVD-RW, DVD+RW.

O DVD-RAM é proposto pela Toshiba, Hitachi e Matsushita (Panasonic); o DVD-RW pela Pioneer e o DVD+RW pela Philips, Sony, Hewlett-Packard, Yamaha e Ricoh. Não vale a pena perdermos muito tempo com as diferenças técnicas entre eles que só iriam baralhar ainda mais os leitores. A Philips conseguiu provar-me em Las Vegas que um DVD+RW registado num gravador DVD-1000 tocava noutra leitor-DVD, e isso basta-me. O mesmo não acontece com o DVD-RAM, que só é compatível com os mais recentes modelos da Panasonic. Mas o DVD-RAM grava dos dois lados do disco. A Pioneer garante que o seu formato também é retro-compatível mas eu gostava de ver para crer. Quanto à compatibilidade do

DVD+RW com as «drives» de computador, o problema é que a maior parte das que estão a ser utilizadas actualmente são do tipo DVD-RAM, que com os seus 9GB são óptimas para aplicações informáticas, mas não servem para aplicações vídeo. Entretanto, a Pioneer colocou à venda no Japão a versão comercial das suas «drives» de DVD-RW profissionais e já tem 41 empresas a apoiar o formato.

Em Las Vegas, o grupo Sony/Philips/Hewlett-Packard apressou-se a anunciar em conferência de imprensa que a Thompson apoia os esforços para colocar no mercado «drives» para computador do tipo DVD+RW. E a Sony, que não gosta de perder nem a botões, pelo sim pelo não, anunciou que vai comercializar em 2002 um gravador DVD compatível com -RW e +RW. E assim fica bem com Deus e com o diabo.

Isto para entreter o pagode, enquanto o DVR Blue, que utiliza um laser azul-vio-

leta para registar 22,5GB num único disco, não estiver pronto para ser comercializado – lá para 2005. Os protótipos de gravador DVR Blue de alta definição, apresentados simultaneamente pela Philips, Sony e Pioneer (les beaux esprits se rencontrent...), em Las Vegas (ver reportagem no DNA 217) tinham uma imagem de cair para o lado. Eu vou esperar que eles se entendam como fizeram com o DVD e suster a respiração até ficar... azul.

Mas juro que gostava imenso de estar enganado e que a Philips me provasse que vai ser possível copiar filmes em DVD com o DVD+RW1000. Seria o primeiro a dar a mão à palmatória. Se for assim, encomendo já um e aconselho os leitores a fazer o mesmo.

Nota: Se o disco não estiver protegido contra cópia é tecnicamente viável a duplicação. ■

jvhsom@mail.telepac.pt



Maqueta de modelo de DVD+RW/-RW da Sony apresentado nas CES2001, em Las Vegas